

# A brincadeira do reisado na comunidade Cipó de Baixo (Pedro II, Piauí) e a dinâmica da tradição-modernidade

Luciano de Melo Sousa – UEPI

Luiz Assunção – UFRN

## RESUMO:

Este artigo estuda a tradição do reisado na comunidade Cipó de Baixo, município piauiense de Pedro II. A leitura feita procura ressaltar a processualidade da brincadeira que navega entre a permanência e a transformação na modernidade. Buscou-se a construção cultural de uma trama de existência social cotidiana que analisa a brincadeira de Reis do Cipó, onde mudança e continuidade elaboram um enredo cultural com especificidades muito próprias. O estudo aponta para múltiplas direções nas transformações do reisado em um contexto marcado por um intenso processo de migração de seus atores, de crescentes vínculos com o mercado, modernização de suas existências sociais.

Palavras-chave: Reisado; Tradição; Identidade; Modernidade.

## ABSTRACT:

This article studies the tradition of epiphany in the community of Cipó de Baixo, which belongs to the city of Pedro II, in the state of Piauí. Readings were made seeking to emphasize the processivity of the play that navigates between permanence and change in the modernity. We tried to the cultural construction of a web of everyday social existence that analyzes the game of Kings do Cipo, where change and continuity prepare a cultural plot with very specific characteristics. The study points to multiple directions in epiphany transformations in a context marked by an intense process of migration of its actors, of growing links with the market, modernization of their social lives.

Keywords: Epiphany; Tradition; Identity; Modernity.

Nossas reflexões partem de um estudo de caso sobre a tradição do reisado na comunidade rural Cipó de Baixo, no município de Pedro II, Piauí. Nosso esforço centrou-se na interpretação da tradição no contexto dinâmico e contraditório da modernidade, situando a brincadeira do Cipó no campo do dinamismo cultural, avaliando suas permanências e transformações. Para tanto, através de observação de campo e de entrevistas com os brincantes, apresentamos os atores e o mundo social onde estão inseridos bem como suas continuidades e mudanças. Por meio dessa compreensão geral, percorremos

a trama de *cipós* que vêm constituindo<sup>1</sup> a brincadeira do Cipó de Baixo, seus atores e suas comunidades. Neste sentido, tanto tomamos o universo social para compreender o que vem sendo a prática cultural do reisado, como também consideramos a totalidade da brincadeira para entender como vem comportando-se as pessoas da comunidade Cipó e comunidades circunvizinhas: tradição do reisado do Cipó e mundo social, do qual faz parte, são colocados como partes de uma totalidade em que relações são intercambiadas.

O grande cenário vivo desse *cipoal* de relações sociais é a modernidade capitalista. Ela ordena determinados parâmetros gerais que orientam novos padrões de sociabilidade nas localidades rurais de Pedro II com características ainda tradicionais. Nesse movimento contraditório, os agrupamentos sociais navegam entre o novo e tradições. Este mar social estável-instável também põe em movimento a tradição do reisado do Cipó. Nossa pesquisa persegue esta *cipoada* de relações sociais, movimentos e permanências. Escrevemos sobre os significados das coisas para os indivíduos que vivem em comunidades tradicionais em processo de transformação modernizadora. Paulatinamente, práticas, produtos e conceitos da modernidade invadem as comunidades rurais pondo em crise seus antigos sistemas de referência tradicional.

A modernidade sobrecarregou as sociedades com um sentido de unidade – o capitalismo, a democracia, o Estado, a educação nacional, a cultura capitalista, a arte moderna, a língua nacional etc. No universo cultural, o domínio da unidade hegemônica procurou domesticar as diferenças culturais sob as alcunhas de “cultura popular”, “folclore”, “cultura do povo”. A política de Estado unitário e hegemônico procurou capsular as diferenças culturais – localização, personagens, indumentárias, modos de ser e agir, periodicidades etc. – por meio de práticas disciplinares (FOUCAULT, 1990). Essa disciplina das “outras” culturas transformou a cultura que reproduz os valores hegemônicos da modernidade na cultura legítima, na cultura nacional.

Os brincantes de reisado do Cipó, como tantas outras experiências de identidade cultural, exercitam o que denominamos como liberdade cultural. Liberdade esta que não se confunde com “pureza” ou “isolamento cultural”. Em meio às trocas culturais acentuadas da globalização, os protagonistas daquelas experiências de identidade cultural fazem escolhas. Eles se autodenominam, definem suas prioridades, escolhem como e onde vão brincar, negociam patrocínios etc. Eles se movimentam entre resistências e mudanças, entre memórias e novas histórias, entre a vida e a morte, entre o certo e o incerto. Não há conceitos prontos ou importados; os sentidos apresentados por eles nascem de suas experiências e também dos conflitos entre seus protagonistas e tensões com o mundo externo.

Em tempos de economias desterritorializadas, de “poderes ‘desterritorializados’” (BECK, 2003, p. 44), de culturas desterritorializadas (GILROY, 2001), de “diálogos interculturais de direitos humanos” (SANTOS, 2000, p. 28), o que pensar sobre a *existência cultural*? O que significa viver experimentando certas referências culturais num universo de infinitas configurações culturais? O que dizer sobre pessoas que, ao tempo que estão vivendo práticas culturais hegemônicas da sociedade capitalista, também integram num campo de sociabilidade particular? O que representa esse “diálogo cultural” entre quadros simbólicos da hegemonia moderna e outros sistemas de auto-referência cultural?

<sup>1</sup> O emprego do gerúndio é um recurso linguístico para ressaltar o esforço de leitura processual que fazemos do reisado.

## O REISADO E SUA DIVERSIDADE

Ao analisar trabalhos de alguns pesquisadores brasileiros (CASCUDO, 2001; BITTER, 2010; PASSARELLI, 2006; SILVA, 2010), podemos constatar o quanto são múltiplas as formas de ritual/festa/brincadeira do reisado. Na dissertação de mestrado de Paloma Sá de Castro Cornélio (2012), há uma reflexão relevante sobre a multiplicidade de compreensões sobre o reisado. Entre elas, destacamos a do pesquisador Oswald Barroso: “... um folguedo tradicional do ciclo natalino, que se estrutura na forma de um cortejo de brincantes, representando a peregrinação dos Reis Magos à Belém, e se desenvolve em autos, como uma rapsódia de cantos, danças e entremeses incluindo obrigatoriamente o episódio do Boi” (Barroso apud CORNÉLIO, 2012, p. 31-32). Contudo, Paloma Cornélio identifica que, em reisados do Maranhão, o boi não ocupa posição central no folguedo, tampouco há sua morte ao final: “... é o careta velho que morre e ressuscita no meio da brincadeira”. Por fim, opta por uma conceituação mais genérica e que abre margem para apreender a diversidade social das brincadeiras de Reis: “uma brincadeira do período natalino, com música, canto, coreografia e poesia”.

Assim compreendermos o reisado: um fenômeno cultural plural sujeito a várias configurações no território brasileiro. Tendo em vista esta premissa, procuramos estudar a brincadeira do reisado a partir de múltiplos *cipós* de sua configuração cultural. Faz parte de nossa orientação metodológica considerar as construções da cultura não somente como coisas estabelecidas como tal, mas que, apesar de seu caráter de permanência social, há trançados constantes de tensão histórica que os levam a distensões, movimentos ou paroxismos nas suas existências.

Em linhas gerais, o reisado do Cipó de Baixo é composto dos seguintes elementos: o “contrato” (acordo prévio entre o dono do reisado e os chefes de família que pretendem receber a folia de Reis em suas casas); o hino de Santo Reis (prólogo da brincadeira na porta da casa do contratante, denominado por todos como “capitão”, onde os brincantes conquistam a autorização para entrar na casa); diálogo entre o capitão e os caretas (jogo dialógico com brincadeiras e lodaças); baile com as damas (os caretas dançam com as “damas” – homens vestidos de mulheres – no centro do círculo formado pelo público); apresentação da burrinha (reprodução de um animal de carga arisco); brincadeira com o boi (momento principal da brincadeira onde o sistema de trocas entre o “capitão” e os brincantes é vivido de forma plena e performática – trocam-se diversão, poesia, brincadeiras cômicas por prendas que vão da cachaça ao dinheiro ou porções de feijão, milho, arroz ou farinha).

Certamente que estudar dinamismo cultural não é tarefa simples, ainda mais quando se procura considerar práticas associadas a tradições e memórias. Navegamos entre certa tradição do reisado e reminiscências dos atores dessa brincadeira sobre vivências em suas comunidades, suas relações com os colegas de “vadiagem”<sup>2</sup>, as formas de brincar e as mudanças que a brincadeira vem vivendo. Ser brincante do reisado e manter-se na luta pela resistência da *vadiagem* é um processo tenso e repleto de contradições.

As falas desses atores sociais são os meios que tomamos para recontar a trama de muitas fibras onde se mesclam fios de tradição e fios de tempos que se movimentam no espaço do Cipó de Baixo e comunidades circunvizinhas.

Sobre o conceito tradição, o filósofo Gerd Bornheim esclarece o sentido da terminologia: “a palavra tradição vem do latim: *traditio*. O verbo é *tradire*, e significa precipuamente entregar, designa o ato de

<sup>2</sup> “Vadiagem” é a expressão empregada pelos brincantes para definir o que fazem como brincantes do reisado.

passar algo para outra pessoa, ou de passar de uma geração a outra geração” (1997, p. 18). Raimundo Milú (“dono” do reisado do Cipó) é o grande responsável pela continuidade da passagem dessa prática cultural ano após ano, mas todos são corresponsáveis pela manutenção da tradição. É essa rede de solidariedade social entre amigos, parentes e amantes da brincadeira que sustenta a brincadeira do reisado.

Segundo Bornheim, as tradições emprestam aos agrupamentos sociais a garantia da permanência. Por meio de rituais e práticas costumeiras e recorrentes que as sociedades resistem ao tempo e mantem-se como unidade absoluta. Sem elas, a humanidade correria o risco da desagregação e da falta de unidade (1997, p. 21). Aquelas pessoas reunidas em terreiros de amigos e conhecidos estão ali para celebrar a continuidade da “totalidade do comportamento humano” que a faz ser o que são. Em outras palavras, estão garantindo a reprodução da vida cultural que oferece sentidos e laços de coletividade humana.

## REISADO DO CIPÓ DE BAIXO E MODERNIDADE

Este tópico trata propriamente da interpretação do reisado como prática cultural que se movimenta entre a tradição e o novo: estas interações e movimentos dão-se no contexto da modernidade. Estes movimentos do reisado dialogam com as transformações vividas pelas comunidades do Cipó e vizinhas que, por sua vez, já fazem parte de uma conversação mais ampla com a modernidade. Por essa razão, a pesquisa que originou este artigo destacou seis dimensões ou cipós do reisado. O primeiro cipó é o da modernização: por meio deles procuramos dar conta de um contexto social mais geral no qual vem se desenvolvendo a brincadeira do Cipó. Em seguida, para complementar esse contexto social do reisado tramamos o cipó das trocas familiares e comunitárias: situamos o universo familiar e comunitário fundamental para a continuidade da brincadeira. O terceiro é o cipó da masculinidade: busca tecer o forte enquadramento de gênero que perpassa o reisado do Cipó. Já o quarto cipó compreende a tradição reinventada (a particularidade da tradição do reisado do Cipó e sua processual transformação). Intimamente associado com este último há o cipó dos conflitos entre gerações: por meio dele percorremos as tramas das diferenças entre as gerações e como elas interferem no dinamismo do reisado. Por fim, urdimos o sexto e último cipó de nossa trama explicativa: o cipó do espetáculo teatral (tratamos a especificidade de seu caráter de auto performático). Neste artigo, deteremos no cipó da modernização.

A imagem de *cipós* foi tecida para destacarmos o caráter contraditório e dinâmico de toda prática cultural: ao tempo que procura constituir-se com forma e consistência próprias, toda prática cultural vive movimentos de superação de antigas fórmulas e aparecimento de novos formatos. De modo semelhante a Daniel Bitter, “... não é sobre folias de reis e seus objetos rigidamente delimitados no tempo e no espaço que trata este estudo, mas sim sobre seus múltiplos ‘enquadramentos’<sup>3</sup>” (BITTER, 2010, p. 13). À medida que contextualizamos socialmente características do reisado do Cipó e os desenhos que constroem por suas relações com o mundo a sua volta, tecemos o trançado dos *cipós* da brincadeira que vai além da folia em si: os *cipós* urdem a dinâmica social da qual faz parte o reisado da comunidade Cipó de Baixo.

Como painel de fundo, situamos a brincadeira do Cipó na trama geral da contemporaneidade: o universo múltiplo, contraditório e desafiador da modernidade. O historiador inglês Stuart Hall destaca a

<sup>3</sup> Termo tomado de Valério Valeri.

proposição de K. Robins sobre identidades culturais que gravitam entre a “tradição” – a reafirmação do permanente – e a “tradução” – as trocas com as muitas referências culturais que circulam num mundo globalizado (HALL, 2006, p. 87-89). Ao percorrermos alguns *cipós* do reisado aspiramos lançar luzes sobre o processo dinâmico experimentado também por qualquer prática cultural na modernidade: desejamos principiar certa urdidura das permanências, movimentos e contradições das práticas culturais na modernidade.

A associação entre a modernidade e o complexo processo de transformação das referências culturais de sociedades e comunidades é uma constante na literatura das ciências humanas. A historiadora Lucilia Delgado assim se manifesta:

O mundo moderno, caracterizado por uma temporalidade frenética e em permanente transformação, vive um processo de desenraizamento. A memória tenta a perder sua função de entrecruzamento de múltiplos tempos. À História, conquanto processo cognitivo, do qual o homem é o principal sujeito, cabe recuperar os lastros dessa dinâmica temporal, fazendo do próprio homem sujeito reconhecedor de suas identidades, por meio de sua integração na dinâmica sincrônica da vida em coletividade (DELGADO, 2006, p. 51).

Uma temporalidade acelerada e múltipla que reflete as diversas trajetórias percorridas pelos agrupamentos e sociedades modernas é um forte sinalizador desse processo de desenraizamento de sentidos (GIDDENS, 2002). Novas tecnologias, saberes múltiplos, comportamentos plurais, demandas políticas diversificadas, reinvenção permanente da economia, multiplicação dos direitos humanos, os movimentos ambientais, todos esses e tantos outros processos sociais e históricos têm levado a humanidade a uma continuada e acelerada transformação.

Como os brincantes e admiradores do reisado do Cipó, do município de Pedro II, experimentam a sua vivência nesse tempo de fragmentos, subjetividades, individualismos, competitividade, proliferação de saberes e crise de tradições? Se não entendem os sentidos desses conceitos, eles compreendem que necessitam continuar “vadiando”. Afinal de contas, suas histórias de vida, de algum modo, estão refletidas nas memórias da brincadeira. Do mesmo modo, aquele mundo que gerou o reisado do Cipó está mudando. O mundo que os constituiu vem se transformando e criando novos modos de ser e pensar. Nessas comunidades rurais<sup>4</sup> em movimento muitos caminhos dos brincantes se fecham assim como os terreiros que outrora vadiavam. Nesse campo de tensões, estranhamentos e continuidades, os caretas “mandam” seus passarinhos (burrinha e boi) em estado de alerta: já não há muitos “capitães” a quem pedir seus agrados e contar suas lodaças. Aquele mundo de vadiagem, cantigas, cachaça, esperteza, troca de graças e solidariedade comunitária conflita com novos modos de ser onde o trabalho assalariado, a escrita, indústria cultural, competição, qualificação, obediência disciplinar e status econômico destacam-se como padrões reguladores de comportamentos.

<sup>4</sup> Phillippe Robert explica que “durante a maior parte da história das sociedades humanas, as relações sociais têm se mantido firmemente concentradas nos domínios da proximidade” (apud BAUMAN, 2005, p. 24). É nesse universo da proximidade espacial que se desenvolvem as relações sociais que constroem a brincadeira do reisado e lhe garantem essa prerrogativa comunitária e familiar.

A modernidade, pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais” (GIDDENS, 2002, p. 38).

Como contar a história desses sujeitos espertos, vigorosos, solidários, engraçados e debochadamente desapegados? Como manter essa tradição de trocas, laços sociais que se renovam a cada ano, festas familiares e comunitárias sem mediação monetária, poesias que são passadas de geração para geração sem direitos autorais e sem crítica estética, encontros de amigos e compadres criados juntos e repletos de causos a serem lembrados, piadas gratuitas e gargalhadas entre pessoas amigas, comunicação fluida entre “tempos” distintos, liberdades de falas e fanfarrices, brincadeiras com passarinhos ariscos, espertos e assombrosos, língua oral irreverente e alheia a formalismos? E como continuar fazendo dessa tradição fato social significativo para comunidades e indivíduos que convivem cotidianamente com as inovações da modernidade?

Tomar esse movimento de contínua “construção cultural” (TASSINARI, 2003) foi nossa meta na pesquisa realizada. Por essa razão, a escolha pela festa do reisado propiciou margens para escrevermos sobre esse dinamismo cultural particular. Como bem ressalta Antonella Tassinari, “os estudos sobre rituais vêm recentemente substituindo o tom clássico atento para a manutenção da ordem social por abordagens que focalizam a mudança e a transformação” (2003, p. 42). Segundo a antropóloga brasileira, “um aspecto comum aos estudos sobre festas e rituais diz respeito à importância destes para o estabelecimento de um padrão de sociabilidade e para sua transformação” (TASSINARI, 2003, p. 41).

Certamente que esse mar de movimentos passa necessariamente pela vivência de conflitos sociais. As identidades culturais existem em meio a tensões culturais. Na construção de suas identidades, os brincantes do Cipó são marcados pelas experiências vividas, compartilhadas em processos de permanente aprendizagem pela oralidade e memória. A família de seu Raimundo e os amantes do reisado do Cipó possuem somente a fala como instrumento de representação e registro de suas passagens no tempo. A narração de sua vivência temporal encontra base numa língua dominada – a oral. São suas memórias, diálogos, lodaças e jogos de palavras com os capitães e plateias que lhes anunciam ao mundo<sup>5</sup>.

Paul Zumthor ressalta esse caráter criativo da tradição oral como “memória viva” de um grupo:

as culturas africanas, culturas do verbo, com tradições orais de riqueza incomparável, rejeitam tudo que quebra o ritmo da voz viva (...). Na palavra tem origem o poder do chefe e da política, do camponês e da semente. O artesão que modela um objeto, pronuncia (e, muitas vezes, canta) as palavras, fecundando seu ato (...) a palavra proferida pela Voz cria o que diz. Ela é justamente aquilo que chamamos poesia (ZUMTHOR, 1997, p. 65-66).

<sup>5</sup> Benedetto Vecchi (2005) destaca que “... muitos dos envolvidos nos estudos pós-coloniais enfatizam que o recurso à identidade deveria ser considerado um processo contínuo de redefinir-se e de inventar e reinventar a sua própria história” (p. 13). As identidades expressam visões de mundo de grupos e comunidades sobre suas vivências e contradições.

São suas memórias, lodaças e a performance social que mantêm viva sua “Voz”: uma “poesia” criadora de um sentido profundo de sociabilidade que persiste apesar dos movimentos contrários. O reisado cumpre o papel de ser um “atrator cultural”:

... é tarefa do toré desempenhar o papel de um poderoso “atrator cultural” (...) que sintetiza, reflete e expressa princípios estruturantes de sociabilidade ao colocar em homologia as relações dos mestres e mestras com os *Encantado* – elementos de uma cosmologia regional – e as relações de trocas que as famílias tumbalalá mantiveram com grupos indígenas da região do submédio São Francisco e vêm mantendo agora com demais agentes de uma rede de apoio (ANDRADE, 2008, pp. 48-49).

Assim como Ugo Andrade, que analisa as redes de troca entre os índios tumbalalá e demais grupos externos, identifica no ritual do “toré” essa força articuladora da sociabilidade tumbalalá, acreditamos que o movimento do reisado preserva e reforça padrões de sociabilidade tradicionais às pessoas de comunidades rurais do interior de Pedro II, ou, nas palavras de Bauman (2005), realimentam o “poder aglutinador das vizinhanças” (BAUMAN, 2005, p. 24). Brincantes e amantes do reisado renovam certas crenças, laços sociais, costumes e valores ano após ano: o movimento do reisado tem grande responsabilidade sobre o reaquecimento desse mar de sociabilidade comunitária.

É desse modo que estamos compreendendo o processo de identidade dos brincantes e apreciadores do reisado: não se trata de um sistema estruturado e unificado tampouco organizado num aparato de ideais, princípios e lutas políticas. Compreende um processo complexo de reconhecimento social que passa por atitudes, relações, memórias e ações que se dão espontaneamente por uma parte dos brincantes e amantes do reisado. Sua natureza é amorfa e aparentemente desproposital, pois, na falta de uma organização racional, eles se articulam por meio de relações de amizade e parentesco, pelos encontros de festas e brincadeiras e pela reprodução de suas memórias de vida.

Num mundo relativamente alheio à escrita e aos processos organizacionais da política moderna, os brincantes e amantes da brincadeira não se apresentam como um todo homogêneo que resiste ao mundo que desconsidera ou desvaloriza seus sentimentos, atitudes e ações. Mesmo por que grande parte da desvalorização da brincadeira e do conjunto de relações, comportamentos e valores que a alimentam encontra-se no interior de suas próprias comunidades e famílias. São os jovens que vão e voltam de São Paulo; os filhos e filhas que passam a relacionar-se com outros mundos por meio da tv e da escola; as novas formas de lazer e entretenimento que se espalham pelas comunidades; novos costumes e valores adotados pelas famílias; a disseminação de uma espécie de individualismo que reduz os terreiros de solidariedade e interação social, e, por outro lado, amplia as margens de privacidade e intimidade; a progressiva relevância do papel-moeda nas relações econômicas e sociais<sup>6</sup>; o desenvolvi-

<sup>6</sup> Sem querer apontar uma explicação final sobre essas transformações no interior das comunidades rurais recorro o que o historiador Stuart Hall afirma sobre os processos de mediação cultural globalizados, ou, como ele denomina, homogeneização cultural (HALL, 2006, p. 76): “quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mas as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’” (HALL, 2006, p. 75).

mento de políticas públicas pautadas no “toma lá dá cá” etc. A modernidade aporta nas comunidades rurais de Pedro II internamente e, por essa razão, sutilmente. Imiscui-se no meio das relações, atitudes, expectativas, sentimentos e ideias das pessoas. Não invade, mas se incorpora pouco a pouco no cotidiano das comunidades.

Os brincantes e amantes do reisado percebem, ora mais claramente, ora menos, essas pequenas mudanças multiplicarem-se e acomodarem-se ao cotidiano da vida de todos. São essas mudanças que recusam certos modos de viver tradicional das comunidades (entre eles, o reisado). Eles não resistem somente para manter a brincadeira, mas para preservar certos comportamentos, valores e relações que aqueciam e ainda continuam a aquecer certo modo a vida daqueles homens e mulheres. Como um fato recente e nunca experimentado, eles percebem a proliferação de questionamentos sobre algo que, até pouco tempo era tratado como natural: brincar o reisado, assim como participar dos festejos, novenas e leilões das comunidades eram movimentos inquestionáveis. Perguntar-se sobre o que são, que caminhos estão trilhando, quais os futuros para suas comunidades, entre outras questões, são fatos recentes em suas trajetórias como comunidades rurais. Por essa razão o fenômeno da identidade forma-se em seu interior: num mundo até então tomado como natural não havia espaço para questionamentos sobre o que são, o que os particulariza ou por que outros mundos recusam seus modos de ser. “Sua forma de estar no mundo eliminava da questão da ‘identidade’ o significado tornado óbvio por outros modos de vida – modos que nossos usos linguísticos nos estimulam a chamar de ‘modernos’” (BAUMAN, 2005, p. 25 e 26). São nesses trajetos de ir e vir, de encontrar-se e desencontrar-se que navega o processo de construção dessa identidade cultural dos amantes do reisado da comunidade do Cipó de Baixo. Uma odisseia sem bússolas ou cartas capazes de apontar direções acertadas como muitas outras odisseias de identidade<sup>7</sup>.

No cipó da modernização, percebemos os elementos mais representativos desse processo que movimenta a tradição do reisado. É no diálogo com a modernidade que os brincantes e amantes do movimento vêm sendo pressionados a realizar mudanças necessárias a sua sobrevivência (não somente do próprio reisado, mas de sua rede de sociabilidade). Não é simplesmente um modismo ou inconsistência da brincadeira. Como metáfora da realidade, talvez fosse mais adequado afirmar cipós da modernidade pois a rede de mediação da tradição com o moderno estende-se em todas as direções da brincadeira. Ao escolhermos o uso do singular deve-se ao fato do plural abrir margem à expectativa de haver cipós variados com o mesmo caráter de moderno. Então, quando nos referimos a este cipó em particular entendemos que o mesmo se comporta como uma *cipoada* – um sistema de cipós que se estendem por todas as dimensões dessa grande trama que é o reisado.

E que *cipoada* é essa? Acreditamos que há múltiplos direcionamentos nas transformações do reisado que é sugestionado pelo próprio processo de modernização capitalista: individualização, mercadorização, planificação e folclorização das diferenças.

Por individualização compreendemos o crescimento dos interesses individuais dentro daquela brincadeira tradicional onde os determinismos coletivos eram dominantes. Segundo Francisco Milú (filho do “dono” do reisado Raimundo Milú, 2009), “geralmente, meu pai paga quinze reais por noite prum careta, pra uma dama. Por exemplo, quem é de fora, vem pra brincadeira, mas se não ganhar ele num brinca”. Hoje o interesse pecuniário, para alguns brincantes, sobrepõe-se ao velho interesse de vadiar. As damas, a burra, os músicos (sanfoneiro, pandeirista e tocador de triângulo), todos eles

<sup>7</sup> Como bem compreende Zygmunt Bauman, “as ‘identidades’ flutuam no ar” (BAUMAN, 2005, p. 19).

brincam e continuam apreciando a brincadeira, mas também esperam, pelo “serviço” bem feito, uma remuneração. O simples ato de vadiar por vadiar, ou o fato de participar daquele movimento coletivo, ou demonstrar sagacidade e capacidade de produzir graça, ou brincar com os amigos, todos esses elementos, para alguns deles, não são suficientes para motivá-los o suficiente para as jornadas de pândegas noturnas.

Nesse mesmo sentido, os brincantes que fazem as damas e caretas querem saber de antemão quanto vão ganhar. Como exposto por Conceição Milú (filha de Raimundo Milú, 2009): “nas casas que tem pouca gente, eles não querem brincar. Por quê? Porque eles acham que não vão lucrar muito, não vão ganhar muito dinheiro. Aí eles só querem brincar aqui no dia da festa porque tá lotado, aí eles acham que vão encher o bolso. Sai botando o lenço em todo mundo, em todo mundo”. A recompensa financeira ganha importância maior que nos tempos pretéritos onde a brincadeira em si valia todo sacrifício: saía-se no final da tarde e somente chegava na madrugada do outro dia ou já pela manhã (dependia da distância da comunidade). Em tempos pretéritos não havia transporte: todos iam a pé. Recebiam convites de comunidades mais distantes e mesmo assim se lançavam naquela jornada. Iam pelo sabor da brincadeira e do sempre surpreendente que era toda empreitada: desde o acolhimento da família do capitão, passando pelas brincadeiras de seus convidados às surpresas e novidades experimentadas. No ato de brincar o reisado também era oportunidade para encontrar conhecidos e viver aqueles momentos de acolhimentos e trocas.

O prazer de vadiar, de reunir-se com aquela turma de amigos, parentes e compadres já não se sobrepõe ao interesse pecuniário para alguns dos brincantes: esta é uma das direções do movimento da modernização das comunidades rurais e da própria folia de Reis. De modo diferente do passado, os interesses de vadiar e receber alguma pecúnia equilibram-se numa tensa gangorra. É por essa razão que Francisco Milú (2009) afirma:

Por que o reisado hoje tá oitenta por cento de dentro da família de meu pai? Por quê? Porque se é só nós irmãos, Luciano, nós vamos brincar na sua casa ou na casa da pessoa, tanto faz nós ganhar como nós não ganhar: está dentro da família. Se você pagar quinze reais pra uma pessoa vim tocar sanfona, quinze reais prum careta vim de fora, quinze reais pra quatro dama... são noventa reais, né? Quinze reais prum trianguista, quinze reais prum pandeirista. São cento e vinte reais. Então, com fora boi, fora burra, fora o resto dos careta, fora o resto dos componente. Então, qualé a sua despesa por noite?

Esse caráter familiar e comunitário do reisado é uma espécie de liga capaz de aglutinar e motivar as pessoas. Mas, por outro lado, “a festa da brincadeira do reisado é pra gente pedir dinheiro” (Antônio João, careta e cunhado de Raimundo Milú, 2010). No entanto, esta festa não gira em torno do dinheiro. Nem no pretérito nem no presente. O dinheiro é o elemento mais aparente: trata-se de uma representação material que personifica a vontade de brincar, o apreço pela reunião de parentes e amigos, o divertimento jocoso, o “movimento” que quebra a rotina cotidiana, a valorização da esperteza pela manipulação das palavras etc. O que vem alterando é a relevância da troca fiduciária para os brincantes.

Aqueles distantes do círculo familiar do dono do reisado não brincam se não obtiverem, além da troça e da farra, a recompensa financeira.

Contudo, para seu Raimundo Milú e seus parentes mais próximos (principalmente, para o patriarca), a farra, a graça, os encontros, a pândega possuem um valor per si. Se o dinheiro é relevante, é por ser necessário para reunir os demais brincantes e o transporte de todos. Mas os familiares do brincante Milú satisfazem-se com a realização da brincadeira. Conceição Milú bem esclarece essa relação dos brincantes com o dinheiro ao explicar o que é feito com o recurso da “festa dançante” feita na noite de Santo Reis com uma banda de forró profissional:

Como eu cresci nesse ambiente de meu pai fazer três, quatro festa por ano, aí, pra mim, dinheiro tanto faz como tanto fez, aí... Aqui, o dinheiro que a gente ganha é mais só pra pagar assim as despesa da festa, às vezes, também, meu pai precisa, quando termina, a gente pega o dinheiro arrecadado todim aí dá pra ele comprar algum animal, uma cabra, um porco, essas coisa assim, sabe? O dinheiro mesmo da festa de Reis assim a gente num fica quase nada pra gente não. A gente dá mais pro pai, pra mãe, pra comprar assim de material pra casa...

A “festa dançante”, feita após a folia de matança do boi no último dia de brincadeira, tem por fim cobrir as despesas da própria festa como também os custos com a brincadeira de Reis. Entre os filhos, genros e noras de seu Raimundo Milú, o dinheiro tem a finalidade tão somente de garantir a cobertura das necessidades da família e da própria brincadeira. Assegurado o bem-estar do núcleo familiar, os brincantes satisfazem-se. Nesse padrão particular de valores e comportamentos, a realização de seus prazeres e alegrias é essencial. Não quer dizer que seu Milú seja um homem extravagante ou que não reconheça o valor da compensação financeira. Como um comerciante que é na comunidade, certamente sabe sobre a necessidade do dinheiro para garantir sua sobrevivência e de seus dependentes.

Para esse homem de “movimento”, a vida gira também em torno de outras necessidades onde o dinheiro é um meio ou instrumento, mas jamais o fim. O dinheiro faz parte de tramas diferenciadas da vida de seu Milú. Tanto serve para garantir sua sobrevivência e de seus entes mais próximos, como também esse fio faz parte de outras urdiduras. E certamente deve fazer parte de outras tramas de sua vida que não foram levantadas na pesquisa.

O valioso em nossa interpretação é considerar o fato de que novos arranjos significativos são construídos em torno do dinheiro para o seu Raimundo Milú e para a brincadeira do reisado do Cipó de Baixo. As mudanças ocorridas nas comunidades rurais com a proliferação de benefícios sociais (previdência social e bolsa-família) ou com o pecúlio proveniente de São Paulo e outras metrópoles que, por um lado, contribuíram com a melhoria da qualidade de vida daquelas pessoas, por outro lado, ampliou a relevância da figura monetária como meio de sobrevivência e mediação social e seu próprio valor simbólico passa a ter significados mais relevantes para as pessoas e suas relações. Verificamos transformações no padrão das construções das residências (casas maiores, algumas substituem o velho tijolo de adobe pelo tijolo cerâmico de furo, incorporam a cerâmica como revestimento de piso, janelas e portas de ferro, banheiros no interior da casa com sistema de fossa séptica, cozinhas com pias e sistema de

água encanada), a motocicleta é incorporada como principal meio de transporte, na culinária há uma progressiva incorporação do galeto (frango criado em granjas), suas despensas passam a armazenar, além do café, açúcar e produtos de higiene pessoal e limpeza doméstica, mantimentos como arroz e feijão (antigamente frutos exclusivos da atividade agrícola de subsistência), o vestuário incorpora as roupas industrializadas e mais consoantes com a indústria da moda, multiplicação de clubes que oferecem “shows” com bandas e cantores de forró, proliferação da cerveja como bebida preferida. Todas essas transformações estão diretamente associadas à proeminência da figura monetária na vida das populações rurais de Pedro II.

Se uma parte dos brincantes passa a valorizar sobremaneira a recompensa financeira, a plateia que participa do movimento também muda. Sua mão já não é tão afeita a trocar divertimento por moedas. Seu Antônio João (2010) bem descreve essas mudanças na postura do público:

Aí é tão tal que você vê gente que tá ali, ele já sabe que a gente só vai pedir dinheiro na hora do boi. Quando os careta tão brincando por ali, aí fica aquele tanto de gente. Na hora que eles verem o boi chegar, dizem: vão já pedir dinheiro. Aí quem não tá com uma moedazinha no bolso e não quer dar uma cédula de papel, aí já vai se retirando. Aí diz: não, eu vou cair fora porque eles vão já chegar em mim (ri) (...) Por exemplo, vem dois companheiros. Aí tem um que quer e o outro não quer. Rapaz, vambora espiar. Aí o outro diz: não, eu lá vou dar meu dinheiro pra careta. Aí, aquele que quer assistir, vem e diz: olha, fulano de tal tá lá acolá, chama pelo nome dele. Aí ele vem na hora (ri). A gente chama e ele vem.

Certamente que no passado havia essa resistência até porque todos sabem que o careta está lá “pra pedir”. Por essa razão, dificultavam e faziam troças com os lenços dos caretas. Mas o careta Antônio João ressalta o fato de que, no presente, as pessoas resistem muito mais a recompensar os autores da brincadeira. Segundo ele, assim como diminuiu o interesse pela festa, também aqueles que ali se juntam já não estão tão motivados a participar daquele jogo de trocas comunitárias: uma graça por uma moeda.

Defendemos que a figura do dinheiro passa por novas significações. Entre elas, a ideia de despende moeda somente com aquilo que tem “valor”: a graça do brincante faz parte de uma tradição, é algo provindo do terreiro de um parente ou amigo; logo, não figura como um bem com mensuração monetária. Na cultura capitalista há taxionomias e representações sobre o que é um objeto ou serviço digno de valorização monetária. Principalmente para os jovens, mais afeitos aos valores da sociedade capitalista, aquelas velhas brincadeiras não podem ser enquadradas em algum sistema de troca mediada pelo papel-moeda.

Se algumas pessoas já chegaram a temer o boi por medo ou por ele ser mais bravo do que o da atualidade e, por essa razão, mantinham-se distantes, atualmente, ocorre diferentemente. Não há temor algum por parte da plateia (a não ser por algumas crianças menores). O que gera resistência para se aproximar, por parte de alguns espectadores, é o risco de se ver obrigado a abrir mão de sua pecúnia. O público de hoje também se posiciona como mais apegado ao metal que traz no seu bolso. Acima da

tradição coletiva que apela para a troca da graça por uma moeda, sobrepõe-se o interesse individual de guardar o metal acumulado.

Por outro lado, o depoimento do brincante Antônio João destaca outro fio da trama cultural do reisado: “olha, fulano de tal tá lá acolá, chama pelo nome dele”. Essa vinculação social faz seu companheiro, apesar de não desejar contribuir com as graças dos brincantes, aproximar-se da roda do reisado. Esta roda ainda se mantém, pois as pessoas que a fazem possuem outras vinculações sociais: parentesco, amizade, compadrio, companheirismo. Esta roda se alimenta dessas cirandas sociais que aproximam e fazem aquelas pessoas se reconhecerem como parte de algo comum. Umas pessoas mais, outras menos, elas sabem que fazem parte de uma trama social que as une como partes de um todo. Se os novos valores dados ao papel-moeda levam-nos a avaliar melhor se devem ou não retribuir o “serviço” dos brincantes, a compreensão de um determinado pertencimento comunitário contribui para engrossar a grande roda do reisado.

De modo semelhante, essa postura assumida pela população juvenil também é identificada na figura dos capitães:

Até quatro casa ainda chegou época de brincar. Hoje, arruma uma na marra, como se diz. Ainda é assim: o dono da casa ainda diz: *oh, vão lá pra casa e eu não vou garantir nada não, mas se ajuntar muita gente vocês faze alguma coisa, arrecada um dinheirozim.* (...) Na época do passado não. Na época do passado o dono da casa quem se comprometia: *olha, vá lá pra casa que tem isso assim, assim.* A gente ia, como tinha um senhor, por nome de Luiz Penha, ali nas Contenda, que fica ali ... atrás de Pedro II. A gente ia pra lá umas vinte ou trinta pessoas de a pés. Aí, saía daqui meio-dia, que era longe. Quando chegava lá era janta pra todo mundo. Todo mundo jantava e a gente brincava até ... Lá eram duas casas que, que eles recebiam o reisado: era ele e outro vizim assim (...) Quando terminava, ia pra casa do outro. Lá, ele já tava também com outra merenda pra, depois da brincadeira, oferecer pro povo (Antônio João, 2010).

O apego individual de acumular, acompanhado da vontade de não desperdiçar ou de não perder a riqueza entesourada, transforma-se numa forte parceira de muitos habitantes da zona rural de Pedro II. Não que a brincadeira do reisado possa ser lida como uma festa de esbanjamento, mas pressupõe um sistema de trocas. “A pessoa que tinha condição dava um bode, dava uma leitoa, dava um capão, davam uma quarta de farinha, dava arroz, dava... tudo dava. Até milho eles davam pra... Eles diziam que não tinha a burra, eu vou dar milho (ri) pra tu dar à burra... (ri)” (seu Chicó, vizinho de Raimundo Milú e ex-brincante, 2010). O importante, segundo o velho brincante, era retribuir pela brincadeira feita em seu terreno.

Motivado por essas mudanças, a brincadeira vem, pouco a pouco, estabelecendo relações com o mercado. A iniciante e paulatina mercadorização dialoga com a lógica dominante de acumulação de riquezas na sociedade capitalista. Não somente bens propriamente ditos, mas criações estéticas e culturais submetem-se ao movimento mercadológico. Se, outrora, era uma festa de poucas famílias,

a mesma cria possibilidades para ser realizada em clubes com cobrança de “entradas” ou em escolas com o respectivo pagamento do cachê. Nesses locais, é cobrada certa quantia de dinheiro para entrar e participar da festa. Há também uma negociação entre o dono do clube e o dono do reisado sobre os valores da brincadeira. Geralmente, Raimundo Milú procura ficar com o valor da “portaria” mais “a ajuda do Santos Reis por fora” (é costume que toda família que recebe a brincadeira do reisado em sua casa contribua com uma certa retribuição, seja em dinheiro, seja em mantimentos).

Ainda sobre as brincadeiras dentro de um clube é importante frisar algumas peculiaridades. Uma delas diz respeito ao fato de que os caretas ou as damas não jogam lenço nos ombros dos frequentadores. As moedas que seriam dadas como prendas para os caretas ou damas por aqueles que assistem à brincadeira equivaleriam à parcela do valor tirado na bilheteria que cada um deles receberia após a brincadeira. Explicam que a brincadeira de jogar o lenço seria um “incômodo” para aqueles que estariam no clube para se divertir. Assim, o caráter interativo e comunitário da brincadeira, nos clubes, se dilui. Neles, a brincadeira transforma-se tão somente em espetáculo a ser apreciado.

Por outro lado, os brincantes mais jovens priorizam a recompensa financeira ao antigo brincar por brincar: “Olha, pra falar a verdade, uma parte de gente daqui é animado pra brincar, mas só vai animado pra ganhar, não é pra brincar, é pra ganhar” (Milú, 2009). O brincante passa a prestar um serviço para o dono do reisado como se fizesse uma “diária” de trabalho para o mesmo. A própria retribuição pecuniária já passou a ser tratada como uma espécie de diária.

Aquilo que antes era pleno de sentido para os que a criavam e recriavam todo ano, começa a ser tomado também como a “cultura”, a “tradição”, o “folclore”. De algo complexo e pleno de significados passa a ser, em algumas situações, um “número folclórico” neste cipó da mercantilização. Como espetáculo-mercadoria, ganha um novo sentido. Não que os antigos sentidos deixem de existir, mas, passam a conviver com a sobreposição da mercadorização da brincadeira: os brincantes querem saber de antemão quanto ganharão por cada noite; os possíveis “capitães” passam a separar o antigo sentido de brincadeira comunitária daquele custo financeiro que se vê obrigado a ter ao trazer o reisado para sua casa; a brincadeira pode transformar-se num grande “prejuízo” para o dono do reisado e sua família. A brincadeira, paulatinamente, vem se transformando também num “serviço” cultural e que, como todo serviço, implica em custos a serem pagos.

Numa sociedade onde quase tudo possui um valor monetário e o tempo das pessoas está voltado sobremaneira para a criação de valores, o planejamento passa a ser uma necessidade primária para evitar desperdícios e alcançar os melhores resultados com o mínimo de esforços e recursos. A brincadeira do reisado complexifica-se mais ainda, pois tem que incorporar essa lógica do planejamento. Não significa que anteriormente dispensasse alguma espécie de sistematização das atividades envolvidas, mas, na atualidade, sem planejamento estratégico a brincadeira corre o risco de se extinguir. Um planejamento que não diz respeito somente aos seus custos, mas considera também a relação entre os brincantes e a plateia como também entre o dono da brincadeira e os donos das casas onde ocorre o movimento: evita-se incomodar a plateia com o truque do lenço, por exemplo.

Somos nós que pagamos. Por exemplo, o carro da Lagoa do Sucuruju (comunidade vizinha ao Cipó de Baixo) vem por vinte reais. Então, quando chega aqui, independente se ele traz uma ou duas pessoas. Se ele também não trazer

ninguém, a gente não falou com ele, tem que pagar os vinte reais (Conceição Milú, parêntese nosso, 2009).

A festa dançante, realizada no dia cinco ou seis de janeiro<sup>8</sup>, tem transporte gratuito oferecido pela família de seu Milú; já para a festa de Santo Reis à tarde no terreiro não se disponibiliza esse transporte. A necessidade de contratar transporte, publicidade bem como planejar outros elementos que fazem parte do dia mais importante das brincadeiras de reisado, o dia de Santo Reis, transforma o antigo movimento num grande evento repleto de riscos e possibilidades<sup>9</sup>.

Como bem frisa Francisco Milú, tanto os capitães como as pessoas que vão assistir ao reisado estão contribuindo cada vez menos com a brincadeira. Logo, a “festa dançante” deve cobrir os gastos feitos durante o período de Reis. Para tanto, a mesma deve possuir um bom planejamento, pois é o mesmo que contribui para diminuir os custos e alcançar um público maior para a “festa dançante”.

Contudo, esse processo de planificação não ocorre tranquilamente. Ideias diferentes acerca do que deve fazer parte da festa levam a desentendimentos entre o dono do reisado e Francisco Milú. Para este, o pai “não sabe administrar” financeiramente todo o movimento do reisado juntamente com a festa dançante da última noite. Milú sempre organizou festas e leilões. Contudo, os filhos percebem que as festas de hoje já não podem ocorrer como aconteciam os movimentos passados. As pessoas querem mais conforto, oferta de serviços e produtos variados e estão dispostas a pagar. Como bem pontua seu Antônio João, “hoje em dia, o dinheiro tá mais fácil, mas aí o pessoal mais novo só são animado mermo é com folia de... só querem é dançar, é tomar nos bar. E aí o reisado tá fracassando”. Ao afirmar que as gerações mais novas querem “dançar”, “tomar nos bar”, o cunhado de seu Raimundo lembra que elas buscam e podem pagar por bebidas mais caras que a velha cachaça (como a cerveja), esperam usufruir um movimento com conforto e comodidade (diversidade e qualidade dos serviços e dos produtos ofertados).

Diferentemente das velhas gerações que buscam nos movimentos encontrar com os amigos e parentes, divertir-se com as troças dos brincantes, circular pelas pessoas e rever antigos conhecidos, quebrar com aquela habitual rotina de seus cotidianos, os mais novos aspiram a estes desejos, mas também esperam realizar outras vontades. Certamente que o êxodo rural, a proximidade com o universo urbano, o fato de possuir mais anos de passagem pela escola formal, o acesso aos mais diversos meios de comunicação (televisão, rádio, celular, internet etc.), tudo isso contribui com a geração de novas expectativas e ambições. A título de conclusão desse argumento, destacamos que há modos diferentes

8 Data escolhida conforme a proximidade a um final de semana, pois se almeja um grande público para pagar os custos das noites de Reis anteriores. Se a festa é feita durante a semana, o público é pequeno.

9 Importante destacar que essa associação entre a brincadeira de Reis e a “festa dançante” na noite do último dia é uma criação particular da família de Raimundo Milú: não há uma extensão entre a velha folia de Reis e a festa que ocorre na noite do último dia de folia. Como Raimundo Milú sempre organizou festas, criou esta grande festa associada ao reisado, sem constituir-se como uma continuidade do mesmo. Apesar disso, tem servido para cobrir despesas da brincadeira de Reis.

de compreender e viver o velho movimento do reisado e que as gerações mais novas impulsionam essas novas vivências.

Por outro lado, percebe-se gradualmente a transformação daquele tradicional “movimento” num bem cultural diferenciado: o reisado passa a ser tratado como folclore. Assim como em outros lugares, a brincadeira do reisado de seu Raimundo Milú é levada para escolas, eventos de prefeituras ou de outras entidades com o fim de mostrar coisas “típicas” da terra ou tradições do campo. Essa apropriação do urbano-moderno revela muito bem essa “captura” que a modernidade faz sobre os outros culturais: tudo aquilo que foge ao formato moderno é reinscrito em alguma taxionomia inventada pela modernidade – cultura popular, folclore, tradicional, típico, etc.

Como bem esclarece Francisco, as escolas desejam a apresentação da “dramatização” do reisado, mas, ao mesmo tempo, não desejam arcar com as despesas de tal apresentação. Como um elemento estranho à circularidade comunitária do reisado, a escola procura se eximir de retribuir a participação dos brincantes no seu pátio ou quadra de esportes. Seu interesse é tão somente mostrar que há “tradições” ou “folclore” no município de Pedro II aos seus alunos.

Essa resignificação de criações culturais como a do reisado, no entanto, não é algo unilateral: trata-se de um processo mútuo de reinvenção das tradições. Os brincantes do reisado atuam positivamente nessa plasticidade de sentidos e práticas. O povoado do Cipó dialoga com o mundo de modo claro e extenso. A transculturalidade é uma realidade tratada com naturalidade apesar dos conflitos esporádicos. Francisco reforça a tese de que é importante rever certas práticas do reisado para que se adapte às condições do tempo presente. O reisado como uma brincadeira/festa social, na sua opinião, deve dialogar com a experimentação da produção de riquezas/lucro. Não muito diferente do que ocorreu com nossas festas populares (o carnaval, a vaquejada, os festejos), a brincadeira do reisado passa a dialogar com a lógica capitalista de geração de riquezas.

Pra gente fazer uma festa hoje em dia são muitas despesa. Aí a gente tem que saber o que está fazendo, sabe? Porque em muitas festas você tem um lucro, só que na maioria das festas você tem prejuízo. Aí você precisa ter a cabeça no lugar para estar produzindo evento hoje em dia. Porque muitas pessoas, elas fazem festa visando só o lucro, sabe? Aí, faz uma, dá lucro. Na segunda já dá prejuízo, aí pronto: já para por ali mesmo. Aí o pai aqui não. Pra ele, o importante é tá fazendo o movimento. Animação (Conceição Milú, 2009).

Observa-se neste depoimento da filha de seu Milú o caráter dialógico e tenso entre a pressão modernizadora e as motivações tradicionais da brincadeira. Expressões como “prejuízo”, “lucro”, “ter a cabeça no lugar” são indicativas dessa procura em incorporar certas orientações do mundo moderno. Por outro lado, no entanto, ela associa ao pai significações distintas: “fazendo o movimento”, “animação”. Esse trânsito entre as motivações novas e antigas, entre duas temporalidades distintas perpassa a tradição do reisado do Cipó e a põe continuamente em movimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho avaliou, a partir de um estudo de caso do reisado do Cipó, como se comporta uma tradição cultural e seus atores envolvidos: passeamos pelas relações sociais vividas pelos atores do reisado, caracterizamos a brincadeira de Reis e perquirimos sobre que transformações e permanências aqueles atores sociais e a prática cultural do reisado vêm passando. Nosso exercício reflexivo buscou apreender, ao mesmo tempo, o caráter sincrônico e diacrônico do fenômeno cultural reisado do Cipó.

Ano após ano, a brincadeira de Reis, como um sistema de redes sociais que vai bem mais longe do que as fronteiras da comunidade Cipó de Baixo, vêm interagindo com fatos novos que passam a fazer parte daquele sistema de redes sociais. O elemento mais emblemático dessa mediação é a redução do número de casas por onde os brincantes circulam, logo, uma limitação das redes sociais em movimento. Alguns dos laços sociais que impulsionavam as rodas de brincadeira do reisado vêm fragilizando-se ou extinguindo enquanto outros resistem apesar de todas as pressões externas. Por outro lado, por onde o reisado passa aglutina um número grande de apaixonados e curiosos: o público que participa do auto vive fortemente o jogo proposto de troças e brincadeiras, o quintal de seu Raimundo Milú no dia de santo Reis ainda reúne inúmeras pessoas que se fazem presentes para prestigiar a festa do amigo, rever parentes e amigos, divertir-se e participar da morte do boi. Na mesma direção, a memória social de seus participantes e apaixonados pela brincadeira apresenta-se como um sistema vivo que registra fatos, paixões, anedotas que ainda motivam-nos e seus familiares para realizar o reisado.

São estes movimentos que transitam entre a permanência e a transformação, a circularidade e as novidades que alimentam um determinado sistema de identidade cultural. Os conflitos de identidade nas comunidades rurais do interior pedrossegundense são marcados pela relação entre o novo e o antigo. A brincadeira do reisado faz parte do mundo das tradições assim como as redes sociais de solidariedade (família, compadrio e amizade), a vida religiosa dos festejos, leilões e novenas, as memórias de vida daquelas pessoas, os trajes, o transporte a pé, animal ou bicicleta etc.; o novo reproduz-se na monetarização das relações, o transporte de motocicleta e carro, a extensão da escolaridade, mudanças nos trajes e modos de entretenimento, a presença da tv, a individualidade, expansão das políticas públicas (assentamentos rurais, eletrificação, projetos de geração de renda, bolsa-família, distribuição de água encanada etc.). O novo é protagonizado pelas pressões da modernidade que, paulatinamente, passam a fazer parte do cotidiano das comunidades rurais piauienses.

Como se comportam os atores e comunidades diante das novidades que chegam ao Cipó de Baixo e encontram um cabedal de tradições, memórias e costumes consolidados? Assim podemos sintetizar a inquietação mestra deste trabalho. Os brincantes de Reis e os apaixonados pelo “movimento” navegam num cipoal de relações, mudanças e permanências.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Ugo Maia. “A tessitura do campo e dos outros” In: **Memória e diferença: os Tumbalalá e as redes de trocas no submédio São Francisco**. São Paulo: Humanitas, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BECK, Ulrich. **Liberdade ou capitalismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara: a circulação de objetos rituais nas folias de reis**. Rio de Janeiro: 7Letras; Iphan/CNFCP, 2010.
- BORNHEIM, Gerd. “Conceito de tradição” in: BORNHEIM, Gerd e BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CASCUDO, Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.
- CORNELIO, Paloma Sá de Castro. **Reisado careta: brincadeira para louvar Santo Reis**. In: <[http://www.tedebuc.ufma.br//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=376](http://www.tedebuc.ufma.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=376)>. Extraído em julho de 2012.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- PASSARELLI, Ulisses. **Tipologia dos reisados brasileiros: estudo preliminar**. Disponível em: <http://www.csr.xpg.com.br/tipologia.doc> . Acesso em outubro de 2009.
- SANTOS, Boaventura de Sousa Santos. “Por uma concepção multicultural de direitos humanos” In: FELDMAN-BIANCO, Bela e CAPINHA, Graça (org.). **Identidades: estudos de cultura e poder**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- SILVA, Vanda. **Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n57/12005.pdf>> Acesso em junho de 2010.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. “Introdução” In: **No bom da festa:** o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

VECCHI, Benedetto. “Introdução” In: BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ZUMTHOR, Paul. “Presença da voz”; “Precisando” e “O lugar da controvérsia” In: **Introdução à poesia oral.** São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.